



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

DO PRESENCIAL AO VIRTUAL A EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DA TELA DO CELULAR

Cíntia Schierenbeck da Rosa¹
Korine Compagnoni Soares²
Márcia Elisa Medina Foscarine³

Resumo

Contar os desafios vividos é uma forma de resgatar, reviver e se afastar do lugar de professora atuante para permitir que a pesquisadora dentro de si coloque o olhar sobre os acontecimentos. Esta escrita apresenta um recorte dos recursos e estratégias utilizados com estudantes da educação especial, sob as lentes de três professoras das áreas da psicopedagogia, dançaterapia e pedagogia bilíngue Libras/Português que atuam no Núcleo de Apoio Pedagógico da RME de Novo Hamburgo. O objetivo é analisar a produtividade dos atendimentos remotos realizados através do celular e de que forma as experiências vividas se transformaram ou não em aprendizagens. Jorge Larrosa tece uma série de reflexões acerca dos acontecimentos como experiência que subjetiva, que nos toca e nos transforma. O período dos relatos de experiência compreende de agosto de 2020 à junho de 2021. Brincadeiras, jogos, imagens e recursos tecnológicos tornaram-se o esteio dos encontros. É possível observar que a ludicidade, o afeto e a parceria entre as professoras, estudantes e familiares, formaram a base para o desenvolvimento das potencialidades de cada criança e adolescente participante. A expressividade, oralidade, leitura, escrita, interpretação, raciocínio lógico matemático foram explorados e as professoras viveram cada experiência de forma única, no qual o planejamento e a improvisação caminharam lado a lado, transformando cada encontro em um constante *devir*.

Palavras- chave: experiência; ensino remoto; pandemia, educação especial

INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Pedagogia; Tradutora/Intérprete de Libras; Especialista em Educação Especial e em Atendimento Educacional Especializado. Professora no Núcleo de Apoio Pedagógico-NAP, N.H.

² Licenciada em Educação Física; Especialista em Dançaterapia e em Atendimento Educacional Especializado; Mestre em Ciências Aplicadas a Atividade Física e o Desporto. Professora no Núcleo de Apoio Pedagógico-NAP, N.H.

³ Licenciada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Professora no Núcleo de Apoio Pedagógico-NAP, N.H.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Estávamos iniciando os atendimentos, fazendo entrevistas com as famílias, organizando as agendas, as salas estavam recheadas de brinquedos atraentes, materiais artísticos, fantasias e dezenas de jogos interessantíssimos.

Entretanto, no dia 12 de março de 2020 fomos todos surpreendidos pela informação de que as escolas seriam fechadas para conter a disseminação do novo Coronavírus (Covid-19).

Foi como fechar as cortinas do palco e apagar as luzes após o espetáculo. Porém, esse espetáculo não havia nem começado.

Com as incertezas que as novas circunstâncias causavam, se voltaríamos na próxima semana ou no próximo mês, nós profissionais do NAP – Núcleo de Apoio Pedagógico da RME de Novo Hamburgo, continuamos mantendo vínculos com os estudantes via WhatsApp.

Nossa equipe, composta por profissionais de diferentes áreas, manteve durante todo o ano de 2020 e 2021, formações e reuniões semanais para estudar os mais diversos assuntos, fazer discussões de casos e se preparar para o novo formato de encontro: o virtual.

Sob as lentes de três professoras das áreas da psicopedagogia, dançaterapia e pedagogia bilíngue português/Libras, este texto foi sendo tramado. Dentre diversos autores citados no transcorrer das seções, Jorge Larrosa (2002) atravessa o texto a partir de um olhar apaixonado, capaz de transformar práticas cotidianas no mais puro saber da experiência. Heidegger (1987, p.143 *apud* LARROSA, 2002, p.25) fala da necessidade de suspensão dos já conhecidos saberes e explica que

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Se no transcurso do tempo, poderemos ser acometidas pelo “que nos passa”, então estamos sujeitas à transformações por uma reflexão passional sobre nós mesmas e se isso é possível, então poderemos alcançar, quem sabe, o “saber da experiência”.

Esta escrita se propõe a fazer um breve relato sobre os recursos e estratégias utilizados em encontros virtuais e analisar o quanto esses encontros produziram saberes e se foram significativos para o público alvo da educação especial.

CONSTRUÇÃO DE SABERES POR MEIO DE RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Os atendimentos descritos são do período remoto de agosto de 2020 à junho de 2021. Gravação de vídeos, ligações simultâneas, envio de materiais, brinquedos, jogos, escritas e áudios compuseram diferentes encontros.

Em cada seção, uma professora de diferente área de conhecimento, elenca alguns atendimentos para narrar suas experiências. Apontam recursos, estratégias, desafios enfrentados e os sentimentos que acompanharam essa nova e inusitada trajetória.

Jorge Larrosa (2002, p. 27) costura todas experiências vividas e nos ajuda a pensar que elas não fazem parte de um conhecimento científico, mas que só “tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)”.

Não há receitas, nem metodologias prontas, mas que foram se constituindo e se construindo nas relações com o outro a partir das aprendizagens de cada encontro.

A EXPRESSÃO ATRAVÉS DAS TELAS-UMA NOVA ABORDAGEM DADANÇATERAPIA

O atendimento Expressão e Movimento é embasado na Dançaterapia. Ele promove vivências através da expressão que revela a interioridade do sujeito, seu modo de ser e visão de si e do mundo. Objetiva abrir canais de comunicação através da dança, da música, do silêncio, do jogo, das informações escritas, do desenho, da palavra, do humor



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

e dos objetos intermediários para trabalhar a imagem e o esquema corporal, aproximando o sujeito a uma percepção mais realista do seu corpo e de suas possibilidades.

O desafio de ter que trabalhar através da tela de um celular com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down, Deficiência Intelectual, outros com todos esses diagnósticos junto e ainda não oralizados, fizeram-me sentir que eu estava inserida no processo de construção dos atendimentos, eu era o “sujeito da experiência” como diz Larrosa (2002, p. 25), que “tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade e ocasião” .

Os atendimentos foram sendo construídos com cada família. As mães foram as grandes aliadas, além de serem “os nossos olhos” auxiliavam no processo de dar vida às atividades.

Designo o nome de flores para cada um dos estudantes, pois cada flor possui uma singularidade. Somente com uma profunda e atenta observação é possível observar seus detalhes, da mesma forma como olhamos nossos estudantes.

Com muito cuidado e zelo, adentro a casa e o “mundo” de Orquídea por meio da tela do celular. Ela é uma estudante que considero o caso mais desafiador.

Orquídea estava sentada ao lado mãe, manuseando um brinquedo. Na tentativa de abrir um canal de comunicação, lancei mão de algumas pelúcias, convocando-a para brincar. Ela pegou mais um brinquedo.

Foi possível perceber o seu olhar para o telefone. Seria um possível reconhecimento? Me olhou mais que no presencial! Dúvidas e incertezas de um cenário desconhecido. Continuei dialogando através do brinquedo. Mais olhares, cheiradas e lambidas no seu brinquedo, e um choro repentino, repleto de sentimentos, significado pela mãe como “saúde” .

Os diálogos com a mãe, foram imprescindíveis para os atendimentos que se seguiram. Conforme LEVIN, (1995, p. 99)

Situamos estes momentos, que não tem caráter de uma entrevista, como instantes importantes na transferência com os pais que permitem gerar e



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

responder questões. É nesses momentos transferenciais, quando os pais entregam seu filho para começar a sessão ou passam para pegá-los no fim da mesma, é aí que surgem interrogações, demandas particulares que devemos considerar.

No próximo atendimento, novas surpresas e respostas: Orquídea buscou a bola e outros brinquedos se posicionando na frente do telefone, como se convidando para brincar.

E o desafio não parou por aí. Conheci o Cravo através das chamadas de vídeo. Uma grande incógnita! Dentre tantas dúvidas: O que esperar? Como ele vai reagir?

Mais uma vez a mãe passou a ser a “porta voz” da criança dando significado as suas ações. Novamente, os brinquedos entraram em ação. Foi possível perceber o seu deslocamento até a prateleira onde se encontravam os seus preferidos. Uma possível convocação para se comunicar? Qual o seu entendimento?

A confecção de um chocalho como preparação para o próximo atendimento, resultou em uma exploração curiosa pelos seus instrumentos. Segundo a mãe, Cravo organizou-os em cima da mesa, experimentando um por um. Na tentativa de uma maior interação convidei a irmã para participar da brincadeira onde tocamos instrumentos, cantamos e dançamos ao som de músicas conhecidas pelo estudante. Para nosso espanto, Cravo ficou um longo tempo envolvido na proposta.

A participação da irmã mais nova, se deu em mais dois atendimentos, com a tentativa das brincadeiras “caixa surpresa” e “Fui ao mercado”. Para Kupfer et al, (2017, p.23): “O semelhante é essencial para definir uma imagem própria, para definir um valor narcísico para esta imagem e para ter acesso a um conhecimento sobre si”.

No entanto, ao realizarmos esta última proposta, no qual Cravo deveria buscar em sua casa objetos mostrados pela professora, a suposta “intromissão/invasão” da irmã em sua pintura do livro, provocou uma “desorganização”: Cravo, chorou, fechou a janela, pegou o bico, apagou a luz e foi se deitar, na busca de um “reencontro consigo mesmo?”

Segundo Kupfer et al (2017, p.22)

Verifica-se que, atualmente, muitas crianças apresentam uma constituição subjetiva em curso e uma boa relação com adultos, mas encontram grande



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

dificuldade de estar com seus pares: ou recusam esses laços, ou os desejam, mas não são bem-sucedidos no contato com as outras crianças”.

A criatividade, a diversidade de estratégias, a improvisação esteve presente em cada encontro. Muitos foram os momentos em que me vi querendo atravessar pela “tela”, para abraçar, comemorar ou acalantar. Entretanto, durante e após cada encontro eu me silenciava, para tentar entender o que cada olhar, cada gesto, cada palavra dita ou calada significava. Cada experiência foi sentida. Cada estudante me proporcionou um novo aprendizado, uma nova descoberta!

ATENDER DE FORMA REMOTA NA PSICOPEDAGOGIA. E AGORA O QUE FAZER?

A psicopedagogia é uma área que procura compreender as relações entre o conhecer e o saber, favorecendo um espaço de potencialização das capacidades dos estudantes para que possam se desenvolver com maior autoria e autonomia tanto nas relações sociais como nos processos de aprendizagem.

Desafiada a reinventar a forma de trabalho com as crianças e adolescentes atendidos, sem muitas certezas, com receio do imprevisível, ainda assim, fui em busca de recursos tecnológicos que pudessem subsidiar nossos encontros. Mas não fiz isso sozinha, convidei os estudantes para que juntos, pudéssemos desbravar novos conhecimentos, numa perspectiva de que a aprendizagem ocorre em parceria, de forma a incentivar a autonomia e protagonismo de cada um dos envolvidos.

Um das plataformas que conhecemos e que passamos a utilizar foi o *Loom*. Ela permite gravar vídeos compartilhando sua tela, caso queira, pode mostrar a imagem da Webcam ao mesmo tempo, enquanto você demonstra e explica algo,

Outro recurso interessante é o *Google Jamboard*. Ele torna a aprendizagem visível, compartilhável e acessível para todos os colaboradores em tempo real no *Meet*. É uma ferramenta em que é possível trabalhar de forma coletiva e síncrona,

Em alguns encontros foram utilizados um “Troféu Virtual”, ele aparecia na tela a cada tarefa concluída, e os estudantes vibravam em uma interação muito prazerosa.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Na busca por outras novidades, encontramos um aplicativo online interativo, a “Roleta da Sorte”. Com ela, é possível criar inúmeras atividades e alcançar diferentes níveis de conhecimento de forma divertida. Quando a roleta para a criança tem que responder a pergunta da casa sorteada.

Os recursos brevemente apresentados, são tecnologias muito simples que estão à disposição e que possibilita envolver os estudantes em atividades individuais e coletivas, trabalhando de forma lúdica a leitura, escrita, matemática, raciocínio lógico, oralidade e expressividade.

Luckesi (2000) afirma que as atividades lúdicas propiciam uma experiência de plenitude, em que os sujeitos se envolvem por inteiro, estando flexíveis e saudáveis.

Almeida (2014) também ressalta que nos momentos lúdicos o que importa é a ação. Quem a vivencia encontra consigo e com o outro, cria conexões entre o que é fantasia e realidade para o próprio autoconhecimento..

A afetividade e interação entre colegas e professores estiveram sempre presentes, o que propiciou espaços para a expressividade, para falar o que se sente e ter espaço de escuta e construção da aprendizagem, o que auxilia a crescer numa perspectiva que impulsiona o estudante a acreditar mais em si e dessa forma desenvolver suas habilidades.

O inesperado se fez presente! É possível sim ensinar e se relacionar remotamente! Em certos momentos estávamos tão absortos que a tela do celular nem parecia existir, como se tivéssemos atravessado um espaço tempo e nos encontrávamos frente a frente.

Viver, aventurar-se, acreditar, abrir-se ao desconhecido, protagonizar caminhos ainda não percorridos, somar forças, aprender com o outro, esse é o legítimo sabor e o “saber da experiência”.

PEDAGOGIA LIBRAS/PORTUGUÊS - DO ESPAÇO ESCOLAR À TELA DO CELULAR

O que falar ainda aos leitores? Sinto-me banhada pelos mesmos sentimentos, angústias, medos e emoções já referidos e que foram o esteio dos atendimentos iniciais.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

O título dessa seção, mostra que a ideia do projeto de Libras iniciado em 2019 acontecia no espaço escolar, junto a turmas que possuíam estudantes surdos matriculados. Subitamente o projeto foi parar em frente a tela do celular com o encontro - eu, o estudante e a mãe. Foi paralisante. Frustrante.

O trabalho na escola era totalmente lúdico, interativo. A Libras era ensinada por meio de jogos, dramatizações, músicas, contação de histórias, atividades em grupo.

Foi necessário desapegar-me das aulas planejadas e sonhadas no presencial e experimentar outras formas de ensinar. Logo, deparo-me com a ideia de experimento que se transforma em experiência, em um *devoir* como diz Larrosa (2002, p.24)

A possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar [...] suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro.

Desse excerto, escrito há tantos anos, “cultivar a arte do encontro” tornou-se a chave mestra que passou a me acompanhar nessa nova jornada.

Desafiada a iniciar os atendimentos sem ainda dominar as diversas ferramentas tecnológicas que existem à disposição, realizei meu primeiro atendimento via Whatsapp junto a um estudante surdo que atendo há dois anos.

O objetivo desse primeiro encontro foi de ampliar o vocabulário em Língua de Sinais e na Língua Portuguesa a partir de imagens que foram enviadas antecipadamente para a mãe para que ela pudesse organizar o material no tablet do filho. Juntos construímos frases, brincamos, matamos a saudade.

Nessa primeira experiência, apesar do nervosismo, as aprendizagens fluíram positivamente, além de ter sido muito divertida, pois com o improviso de equilibrar o celular em um pote de canetas que despencou algumas vezes, da perda de conexão da internet e outras confusões que prefiro nem citar, nós três damos boas risadas e fortalecemos nossos vínculos durante esse atendimento.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Com a leveza e a suspensão dos desejos fortuitos de querer fazer planejamentos mirabolantes, me uno à mãe e ao estudante, e juntos fomos construindo os encontros que envolveram no decorrer do ano de 2020 e 2021, atividades de contação, criação e interpretação de frases e histórias em Libras, adaptação de conteúdos escolares de diferentes disciplinas, vocabulários em Libras/Português com imagens, jogos de bingo, atividades de atenção, dentre outras.

Todos os atendimentos obtiveram bons resultados? Não! Mas eu via esses dias como algo produtivo e sempre me perguntava: - *Como fazer para ser melhor na próxima semana?*

O próximo desafio era de atender um estudante surdo que ainda não possui uma forma de comunicação efetiva, nem em Libras, nem em L.P. Passo a questionar como prender a atenção de alguém que nunca me viu e que não tem ideia de que o gesto feito do outro lado da tela representa um sinal.

Organizo diversas miniaturas de brinquedos que representam móveis e utensílios da casa em cima da mesa. Alimentos consumidos no cotidiano também serviram de repertório. Tensa, faço a videochamada segurando um dinossauro. O menino atende e fica me olhando todo desconfiado. Começo a conversar com a mãe e vou ensinando a ela sinais do dia a dia para que possa ir ensinando aos poucos para seu filho, até que ele compreenda que aquele gesto é uma forma de comunicação. De repente ele some da tela e volta com um dragão, a partir de sua provocação iniciamos um duelo, ele com o dragão e eu com o dinossauro. A primeira gargalhada, o primeiro olho no olho, a primeira vitória.

Em determinado momento, peguei o copo d'água que costumo tomar durante os atendimentos. Qual não foi minha surpresa quando ele foi até a geladeira e também pegou um copo com água e começou a beber. Aproveitei para mostrar os sinais de água, copo e geladeira, mas ele continuava apenas a olhar enquanto a mãe participava entusiasmada. Depois mostrei o leite e o achocolatado, ele correu e foi pegar no armário, peguei o prato e os talheres, ele também foi pegar os seus, e assim criou-se uma conexão. Eu mostrava algo e ele corria pela casa para pegar, mostrei então as miniaturas



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

de um sofá, cadeira, televisão, fogão e ele pegou o telefone e saiu pela casa me mostrando tudo.

O resultado foi assertivo, nesse primeiro dia ele não aprendeu nem um sinal, mas uma conexão foi realizada através dos objetos que lhe fez sentido, e eu, no papel de aprendente/ensinante, pude utilizar essa prática com outros estudantes.

Além de aprender e ensinar todos os dias, foi necessário o garimpo de muitos recursos visuais. No site *pixabay*, que possui licença de uso gratuita, selecionei mais de 1300 (e ainda foram poucas) fotos e figuras que serviram de suporte para o ensino da Libras. Para organizar e manter um padrão nos materiais, recorri ao site *remove.bg* para remover o fundo de todas as imagens. Todo esse material, organizado para o ensino remoto, também é uma ferramenta importante a ser utilizada nos atendimentos presenciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso de diferentes recursos e estratégias de trabalho, tais como: uso de brinquedos, imagens, jogos, vídeos, plataformas e aplicativos, proporcionaram aos nossos estudantes, um importante avanço no desenvolvimento de habilidades, como a expressividade, oralidade, leitura, escrita, interpretação e raciocínio lógico matemático.

Os risos, o carinho, o afeto, a ludicidade, as emoções, a escuta sensível, o envolvimento entre as professoras, as mães e as crianças e/ou adolescentes foram as principais premissas para que essas aprendizagens ocorressem.

A afetividade é um dos fatores que mais favorecem o desenvolvimento cognitivo e é na interação com o outro que as experiências se tornam saberes.

Os relatos e as experiências que atravessaram este texto, foram breves recortes de situações que “nos tocaram”. Compreende-se que ao dividir experiências com nossos leitores, temos a possibilidade de multiplicar saberes que inevitavelmente serão (trans) formados em alguma outra coisa ainda mais produtiva, pois cada experiência gera uma



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

nova experiência, como um fluxo intermitente de ação e reação, e isso sim, poderá permitir e estabelecer novas e vigorosas práticas docentes.

CONSIDERAÇÕES

Escolher algumas experiências, dentre tantas, para contar aos nossos leitores, não foi uma tarefa fácil. Expor medos e angústias também não. Mas se esse texto não fosse escrito, como seria possível perceber que é justamente nas dificuldades que algo novo pode surgir?

O afeto, o carinho, a atenção e a sensibilidade fizeram parte dessa jornada. Professoras, estudantes e as mães compartilharam experiências e aprendizagens e o entre espaço do aprender e ensinar coexistiram.

Desvencilhar-se dos próprios medos, abandonar as expectativas, submeter-se ao novo, deixar-se acontecer, foi a forma encontrada para trabalhar remotamente através da tela do celular, o que permitiu nos tornar sujeitos da experiência, e ainda, nos apoderar ao menos provisoriamente, do “saber da experiência” para abandonar experiências conhecidas e já vividas por outros e quiçá, por nós mesmas

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Educação lúdica*. São Paulo: Loyola. 2014

KUPFER, Maria Cristina et al. Princípios orientadores de práticas inclusivas. In KUPFER, M.C.M.; PATTO, M.H.S.; VOLTOLINI, R. (orgs). *Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito*. São Paulo: Escuta: Fapesp, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência. Campinas. São Paulo: *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, jan/abr, 2002. Disp.:<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09/05/2018.

LEVIN, Esteban. A clínica psicomotora: o corpo na linguagem. Tradução de Julieta Jerusalinsky. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) *Ludopedagogia – Ensaios 1: Educação e Ludicidade*. Salvador: Gepel, 2000

ZAR, J.H. 1984. *Biostatistical analysis*. Second Edition. Prentice Hall, Englewood Cliffs, NJ. 1120p. In the text, references must be cited as: one autor (DIAS, 1998), two authors (DIAS & MACHADO, 1998), and three or more authors (DIAS et al., 1998).